

O CASO DO 'ESTANDARTE MAKHNOVISTA': DO FALSO HISTÓRICO AO MAL-ENTENDIDO

Livio Basevi Rosa¹

Resumo: o processo revolucionário na Ucrânia entre 1918 – 1921 conhecido como Makhnovitchina é reconhecido mundialmente pelo símbolo de um estandarte que apresenta uma caveira e os dizeres “Morte à todos aqueles que se interpõe no caminho da liberdade da classe trabalhadora”. Através do método arqueológico - analisando o objeto e seu contexto com a ajuda de fontes históricas assim como definindo a categoria simbólica - procuro demonstrar como em verdade este símbolo é produto de um falso histórico de intenção difamatória que converteu-se ao longo do tempo em um mal-entendido por parte do movimento anarquista internacional no esforço de resgatar e contar sua própria história.

Palavras-chave: arqueologia cognitiva, makhnovitchina, revolução russa, guerra civil ucraniana, simbologia anarquista

Resumen: el proceso revolucionario en Ucrania entre 1918 y 1921 conocido como Makhnovitchina es reconocido mundialmente por el símbolo de una bandera con una calavera y las palabras "Muerte a todos los que se interponen en el camino de la libertad de la clase trabajadora". A través del método arqueológico - analizando el objeto y su contexto con la ayuda de fuentes históricas, además de definir la categoría simbólica - trato de demostrar cómo en realidad este símbolo es producto de un falso histórico de intención difamatoria que se ha convertido, con el tiempo, en un malentendido por parte del movimiento anarquista en el esfuerzo por rescatar y contar su propia historia.

Palabras clave: arqueología cognitiva, makhnovitchina, revolución rusa, guerra civil ucraniana, simbología anarquista

Abstract: the revolutionary process in Ukraine between 1918 - 1921 known as Makhnovitchina is recognized worldwide by the symbol of a banner with a skull and the words "Death to all who stand in the way of the freedom of the working class". Through the archaeological method - analyzing the object and its context with the help from historical sources as well as defining the symbolic category - I try to demonstrate how in truth this symbol is the product of a historical false with defamatory intent that has become, over time, a misunderstanding on the part of the anarchist movement in the effort to rescue and tell its own story.

Keywords: cognitive archaeology, makhnovitchina, russian revolution, ukrainian civil war, anarchist symbology

¹ Graduado em Ciências Arqueológicas pela Università degli Studi di Roma La Sapienza. E-mail: liviorosa18@gmail.com

Introdução

O movimento makhnovista foi uma das experiências revolucionárias mais destacadas da história do anarquismo e até hoje atrai o interesse de numerosas pessoas, seja para fins de estudo histórico seja de conhecimento e referência política e ideológica. Como de praxe a todo movimento político que busca influenciar e transformar a sociedade, o anarquismo possui uma ampla quantidade de símbolos que possuem uma conexão com sua história – sendo os mais famosos e utilizados a bandeira rubro-negra, a bandeira negra e a letra A dentro de um círculo - e um destes é um suposto estandarte que representaria a Makhnovitchina encontrado em uma foto do período , carregando uma caveira e os dizeres “Morte à todos aqueles que se interpõe no caminho da liberdade da classe trabalhadora”.

Uma das maiores dificuldades na reconstrução da história da Makhnovtchina se dá pelo fato do movimento ter sido derrotado e alvo de uma extensa campanha de perseguição e difamação ao longo dos anos por parte do regime bolchevique que se estabeleceu na Rússia e anexou o território ucraniano, e que continua até hoje em boa parte da literatura marxista sobre a Revolução Russa resumindo-se a tratar o movimento makhnovista e seu líder Nestor Makhno como meros bandidos e ladrões. Assim diversos arquivos e testemunhas foram aniquilados e muitos outros foram forjados, como nos relata Piotr Arshinov cuja obra histórica sofreu das condições de guerra e perseguição, obrigando-o a rescrever seu trabalho após perder inúmeros materiais documentais por quatro vezes (ARSHINOV, 2005, pp. 33-34).

As difamações conduzidas pelo Partido Bolchevique tinham como intuito destruir o imaginário político que havia sido criado pelo movimento revolucionário, para melhor estabelecer a sua ditadura ‘vermelha’, como as acusações de banditismo, antisemitismo e perseguição aos judeus por parte dos makhnovistas. A perseguição às comunidades judaicas foram durante séculos um costume radicado na Europa que arrastou-se da Idade Média até culminar na tragédia do holocausto, e na Rússia chegou a ser uma prática difusa e brutal chamada de *pogrom* que consistia no linchamento e massacre público das comunidades como ação para descontar em cima dos judeus as preocupações e problemas vividos pela sociedade, prática que portanto esteve presente durante os anos de 1918 – 1921 em que a Rússia e a Ucrânia foram tomados pela fome e pela guerra (ARSHINOV, 2005, pp. 207-216; IZRINE, 2016, pp. 37-45).

Neste contexto destaca-se a preocupação das lideranças da Makhnovtchina em não permitir que esta prática fosse realizada pelas suas forças, buscando construir um

movimento que englobasse as comunidades judaicas e protegendo-as da perseguição, fuzilando aqueles que buscassem infringir essa proteção, assim como diversos judeus construíram e integraram a makhnovitchina, das bases até a figuras de liderança política e militar (ARSHINOV, 2005, pp.207-216; SKIRDA, 2004, pp. 336-341). Porém algumas sociedades judaicas russas integrantes do bolchevismo buscaram difamar e distorcer os fatos, acusando Makhno de ter conduzido pogroms através de publicações e ao mesmo tempo calavam sobre pogroms perpetuados pelo Exército Vermelho. Tal situação levou Nestor Makhno (que encontrava-se exilado em Paris) a escrever um texto direcionado a todos os judeus do mundo aonde rebatia as acusações que recebera de antissemitismo, denunciando a falsidade da relação entre um estandarte que carregava uma caveira e dizeres de morte supostamente utilizado em um pogrom e os makhnovistas:

Em contraste, o mesmo documento menciona uma série de pogroms e, ao lado, imprime as fotos de insurgentes makhnovistas, embora não esteja claro o que eles estão fazendo lá, por um lado, os quais, na verdade, nem mesmo são makhnovistas, como testemunha a fotografia que pretende mostrar 'Makhnovistas em ação' por trás de uma bandeira negra exibindo uma cabeça de morte: esta é uma foto que não tem nenhuma conexão com pogroms e, de fato, e especialmente, não mostra makhnovistas de forma alguma.(MAKHNO, 1927)

A afirmação de Makhno encontra eco no fato de que nenhuma das fotos, filmagens e testemunhos da época faz referência à uma bandeira negra com uma caveira e os dizeres de morte ligada ao movimento camponês libertário insurrecional ucraniano, embora haja sim o registro da utilização de bandeiras negras com slogans revolucionários e do uso da cor negra por parte do Exército Insurrecional Revolucionário da Ucrânia, também apelidado de 'exército negro'. O uso de bandeiras negras nesse período era o principal símbolo do movimento anarquista, uma prática difusa e atestada mundialmente, inclusive no Brasil.

As imprecisas referências geográficas e de detalhes sobre os pogroms supostamente realizados pelos makhnovistas assim como sua posterior inserção ao longo de uma tradição de difamação política através do ocultamento e distorção dos fatos; ao lado da pesquisa histórica, nos permitem afirmar que de fato não houveram pogroms nem perseguições a judeus promovidos pelo movimento makhnovista (ARSHINOV, 2005, pp.207-216; IZRINE 2016, pp. 37-45; SKIRDA 2004, pp. 336-341). Portanto, tomando por fonte segura e verídica o testemunho de N. Makhno assim como a ausência de

qualquer outra fonte segura sobre o estandarte negro com a caveira e os dizeres de morte, surgiu a necessidade de conduzir um pequeno e breve estudo sobre este estandarte para entender à luz do seu amplo uso por parte do movimento anarquista moderno – ao reproduzir a foto ou somente o símbolo como em camisetas e tatuagens – assim como em diversos trabalhos históricos, se nos encontramos frente a um caso verídico ou de falsificação histórica.

Para compreender e elucidar a questão portanto, é necessário analisar o objeto em (o estandarte) através das fotografias disponíveis e do contexto em que foi produzido, mas antes disso é importante que possamos analisar o que é e no que consiste a categoria simbólica da cultura material e qual sua importância para compreender os eventos e os homens e mulheres do passado.

Arqueologia cognitiva: definindo símbolos e fatos institucionais

A arqueologia ocupa-se do estudo da cultura material, i.e, os objetos e estruturas realizados pelas sociedades humanas ao longo de sua história, buscando interpretar essas evidências de maneira científica. Grande parte da cultura material, como templos, sepulturas, pinturas e objetos de uso decorativo\ritual, fazem parte daquilo que chamamos de *esfera simbólica* e estão ligados ao desenvolvimento da mente humana.

A evolução da espécie humana é uma história em que o desenvolvimento técnico e de conhecimento é acompanhado passo a passo pelo desenvolvimento cultural e social, em grande medida suportado pelo uso de símbolos, ou seja, as diversas sociedades organizaram-se e organizam-se utilizando uma série de categorias simbólicas. Os símbolos unificam o grupo social e permitem uma compreensão conjunta coletiva, permitindo assim a convivência. A linguagem, oral e escrita, a adoção de sistemas de pesos e medidas, esculturas e pinturas são os exemplos mais antigos e evidentes da atribuição de símbolos para representar a realidade e pensamentos. Para entender melhor podemos dizer que o que é um símbolo e sua relação simbólica expressa-se pela seguinte fórmula (RENFREW, 2011, pp.116-120):

X representa Y no contexto C

Onde X é o símbolo ou significante, e Y aquilo que é representado, significado, ambos diretamente ligados ao contexto histórico, social, físico, econômico etc. em que lugar se encontram.

Então, podemos dizer que o material simbólico para formar-se necessita aqui, daquilo que podemos chamar de *atos institucionais*, resultados de desenvolvimentos sociais ligados a convenções e sua aceitação por parte da sociedade, e que acabam por definir suas estruturas:

Assim, quando analisadas nos detalhes, a maior parte das novas formas de empenho relacional entre os seres humanos e o mundo material comportam também uma base cognitiva. Estes dependem do compartilhamento de conhecimentos que são ao mesmo tempo sociais e cognitivas, além de que, em muitos casos, do uso de símbolos.

(...) O ponto que quero sublinhar é que em alguns casos (...) a realidade material, o símbolo material, é prioritário. O conceito resulta sem significado se não tiver uma substância concreta. (...) Alguns símbolos materiais, ao contrário, são constitutivos em sua realidade material: não estão separados dos conceitos verbais ou pelo menos não originariamente; apresentam uma realidade substancialmente indissolúvel; são eles mesmos substanciais. O símbolo (em sua substância física) de fato precede o conceito. Ou, se esta interpretação parecer excessiva, são autoreferenciais. O símbolo não pode existir sem a substância e a realidade material da substância precede o papel simbólico a este relacionado quando se vai traduzir em um fato institucional. (RENFREW, 2011, pp.135-136).

Se de um lado os símbolos são criados pelas relações e estruturas sociais, ao mesmo tempo os próprios símbolos podem condicionar novas estruturas e relações sociais, como é o caso da adoção de um sistema de pesos e medidas:

Quando afirmam-se novas práticas ou conhecimentos às vezes se estabelece também uma relação inteiramente nova e se realiza também um conceito inteiramente novo, para o qual a inovação não é somente limitada à representação simbólica da realidade através a forma simbólica. Frequentemente uma nova realidade material é

compreendida pela primeira vez quando se desenvolve uma nova relação simbólica. Tal nova realidade material deve ser enraizada em uma compreensão física de mundo e em nossa experiência de mundo ou do empenho material com este. (RENFREW, 2011, pp. 123-129)

Portanto, se os símbolos se revestem de tamanha importância na estrutura das sociedades humanas estabelecidas, não será diferente com a tentativa de estabelecer novas estruturas transformando a sociedade como é o caso do movimento anarquista e de todo movimento revolucionário em geral que ao propor um novo tipo de sociedade busca representá-la em seus símbolos.² No caso do anarquismo e dos movimentos revolucionários estes fatos institucionais mais do que regular uma situação pré-existente buscam criar a possibilidade em si de uma nova sociedade, antecedem a criação de estruturas e declaram novas formas de relações sociais. Ou seja, se os símbolos estão ligados ao que representam e seu contexto na realidade, os símbolos revolucionários irão buscar representar o projeto de sociedade que busca se estabelecer.

E uma forma muito comum de representar isto é através de bandeiras e estandartes com figuras e slogans que representem o movimento. A questão de fundo então é: será que a caveira com os dizeres de “Morte à todos aqueles que se interpõe no caminho da liberdade dos trabalhadores” representa de fato as aspirações e intenções do movimento

² Sobre a simbologia anarquista podemos comentar: sobre as bandeiras negras os primeiros relatos provém do movimento revolucionário das Comunas francesas (Paris, Lyon e Marselha) entre 1870 e 1871. Já a bandeira rubro-negra, que teria sido confeccionada na Espanha pela primeira vez em 1931 para ser usada nas mobilizações da CNT, no contexto da disputa do setor revolucionário coagulado em torno da nascente FAI em oposição ao setor reformista do Manifesto dos 30 em que era preciso recuperar a construção do imaginário anarquista revolucionário e que materializava em uma junção realizada em 1923 no seio da CNT entre as duas tendências do anarquismo espanhol *Bandera Roja* e *Bandera Negra*; e que então a partir da rápida hegemonia dos revolucionários sobre os ‘treintistas’ teria se consagrado a bandeira rubro-negra como símbolo do anarcossindicalismo espanhol (OLIVER, 1978, pp.115-117) e dali possivelmente para o resto do mundo até que surja alguma evidência discordante. O significado mais comum atribuído das cores é vermelho da cor do sangue, significando a igualdade entre os seres humanos e os mártires da luta revolucionária, o negro em oposição à cor branca símbolo de rendição, ou seja, uma luta que se trava até o final. Em grande medida a junção das cores também simbolizaria o caráter libertário/anarquista (negro) do comunismo/socialismo (vermelho). A versão da ‘Internacional’ cantada pelos anarquistas espanhóis recita ‘rojo color que tiene el fuego, negro color tiene el volcán, colores rojo y negro tiene, nuestra bandera triunfal’. Na América Latina esta bandeira além de ser reproduzida integralmente terá uma adaptação horizontal, utilizada primeiro por Sandino na Nicarágua e depois pela Federação Anarquista Uruguaya; curiosamente também será adotada por movimentos marxistas, inspirados pelo movimento de Sandino no marco da luta anti-imperialista (WALT e SCHMIDT, 2009; pp. 277-278). Outro caso é o do ainda mais famoso onde a letra A está dentro de um círculo, significando Anarquia e Organização, ou Ordem, e cuja imprecisa origem pode ser buscada nas palavras de Proudhon e Malatesta, assim como no símbolo da seção espanhola da Primeira Internacional (influenciada por Bakunin) e onde o A em realidade representaria um instrumento de trabalho e medição rural utilizado pelos camponeses.

makhnovista? Havia outras bandeiras e slogans do movimento com os quais podemos comparar? Que tipo de sociedade os makhnovistas buscavam construir?

O contexto da Makhnovitchina

O movimento conhecido como Makhnovitchina – pelo nome de uma de suas principais lideranças: Nestor Makhno – foi um processo de revolução social que ocorreu na Ucrânia entre 1918-1921, mas possui sua base no início do processo revolucionário em 1917 ao seguir o estouro da Revolução Russa quando os soviets camponeses junto ao Grupo Anarco-comunista da aldeia de Guliai Polé iniciam as primeiras coletivizações de terras e a reorganização da sociedade (MAKHNO, 2007, pp. 183-192.).

O golpe bolchevique de outubro de 1917 ao mesmo tempo que permite o aprofundamento da revolução faz com que a Ucrânia seja ocupada pela Alemanha como previsto no tratado de Brest-Litovsk entre Lênin e Guilherme II – em breve a revolução de outubro entrará na contradição do programa com o qual foi conduzida (‘as fábricas aos operários e a terra aos camponeses’) e com o programa que de fato será posto em prática pelos bolcheviques, da ditadura de capitalismo reformado pelo Estado (ARSHINOV, 2005, pp. 45-52). Não obstante o campesinato influenciado pelas ideias do Grupo Anarco-comunista desencadeia um movimento insurrecional que através da guerra de guerrilhas conseguirá expulsar os austro-alemães, enfraquecidos pela derrota na Primeira Guerra Mundial. Assim o processo revolucionário de coletivização das terras e outros meios de produção é retomado enquanto o exército insurrecional assume o papel de condutor e defensor do movimento no conflito que se desenrola e está longe de acabar.

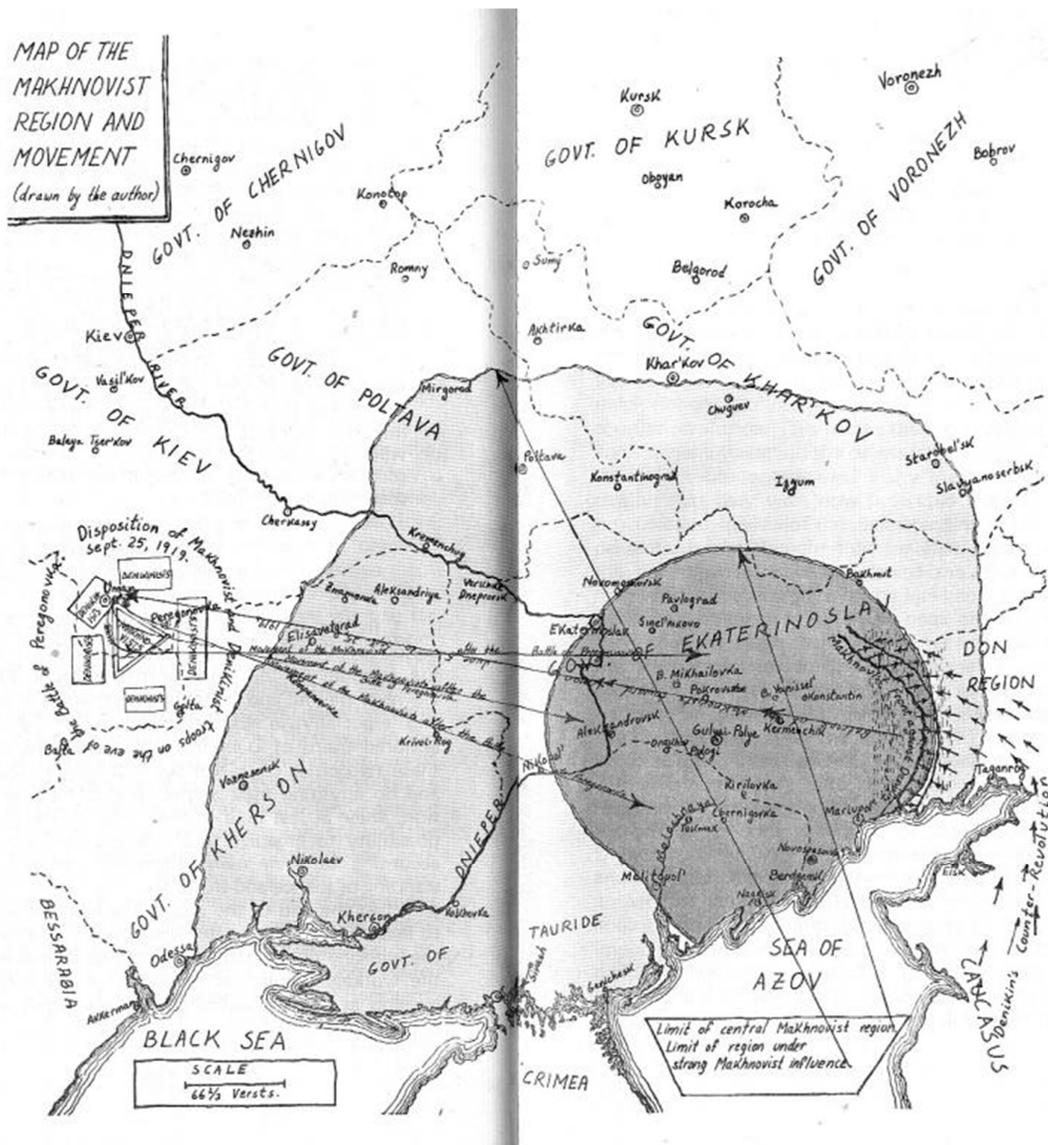


Figura 1: Mapa da região de atuação da Makhnovitchina. Retirado de ARSHINOV, 2005, pp. 170-171

Caracterizado por ‘frentes móveis’ a Guerra Civil na Ucrânia assume os contornos trágicos de uma guerra total que envolve todas as camadas do povo que em armas busca defender e ampliar suas conquistas contra diversos inimigos cujos mais destacados são: os exércitos brancos da aristocracia, a burguesia nacionalista ucraniana, e o exército vermelho dos bolcheviques (WALT e SCHMIDT, 2009: p. 255).

Sem o esforço e bravura da Makhnovitchina provavelmente a Revolução Russa não teria sobrevivido, pela incapacidade de combate demonstrada pelo exército vermelho sobre o qual Denikin conseguiu avançar e estava prestes a entrar em Moscou. Se não fosse o fato dos makhnovistas após uma longa retirada contra-atacarem, destruindo a

retaguarda do exército branco. Este e diversos outros feitos não serão suficientes para aquietar as ânsias imperialistas dos bolcheviques decididos a dominar a Ucrânia e a não permitir o desenvolvimento de um movimento revolucionário que pudesse disputar o aprofundamento da revolução. Assim com o fim da Guerra Civil em 1921 os bolcheviques irão imediatamente iniciar uma campanha de fuzilamentos e prisões aos camponeses insurretos, repetindo uma dinâmica que já havia ocorrido em outros momentos do conflito, seguido por uma ampla campanha de difamação e mentiras sobre um suposto caráter contrarrevolucionário da Makhnovitchina (ARSHINOV, 2005, pp. 185-189), campanha que seguirá nas décadas a seguir e que até hoje certa literatura marxista reproduz na figura de Makhno como um bandido cruel.

Apesar da difícil situação a Makhnovitchina conseguiu organizar diretamente centenas de milhares em suas forças, enraizada no território da Ucrânia sul-oriental que contava com milhões de camponeses e camponesas. Um movimento que buscou construir novas relações sociais a partir da autogestão e do federalismo, nos conselhos de camponeses e outras organizações de trabalhadores, dissolvendo e aniquilando o Estado, o capitalismo semifeudal. E como não podia deixar de ser, ao construir seu exército e a coletivização dos meios de produção (principalmente a terra) o movimento também construiu um setor de cultura e entretenimento (CORRÊA, 2015, pp. 5-20). Um movimento tão amplo e do qual sobram poucos porém ricos testemunhos, como o de Piotr Arshinov:

O movimento insurrecional revolucionário dos camponeses e dos operários da Ucrânia tinha, no princípio, a aparência de um mar tempestuoso. Em toda a imensa região da Ucrânia, as massas referviam, lançavam-se febrilmente na revolta e nos combates. Exterminaram-se os agrários reacionários e os representantes do poder. Muitas vezes, porém, eram apenas expulsos dos lugares e do meio onde viviam. Dominava o lado destrutivo e pareciam não existir os elementos positivos. O movimento não apresentava ainda um plano nítido e preciso de organização de uma vida livre dos camponeses e dos operários. Mas, pouco a pouco, com o desenrolar da ação revolucionária, o verdadeiro aspecto do movimento se formava e se revelava. Desde a unificação da maior parte das correntes insurrecionais sob a direção de Makhno, o movimento adquiriu a unidade que lhe faltava; adquiriu a sua estrutura firme, a sua “espinha dorsal”. Desde então, é um verdadeiro movimento social, nitidamente pronunciado, tendo uma ideologia sua e um plano especial de organização da vida do povo. É o período mais vigoroso, o ponto culminante da insurreição: a Makhnovitchina.

Os traços característicos, específicos, desse movimento são: uma profunda desconfiança dos grupos dos não-trabalhadores ou

privilegiados da sociedade; desconfiança dos partidos políticos; negação de toda a ditadura sobre o povo por qualquer organização; negação do princípio estatista; completa autodireção dos trabalhadores nas suas localidades. A forma primária e concreta dessa autodireção deveria ser: os Laboriosos Conselhos (Sovietes) Livres das organizações camponesas e operárias. Livres significa que deveriam ser absolutamente independentes de todo o poder central e fazer parte do sistema econômico geral sobre a base da igualdade. Laboriosos quer dizer que esses Conselhos deveriam não abranger senão trabalhadores, não servir senão aos interesses destes e não obedecer senão à sua vontade, sem dar acesso às organizações políticas. (...) Assim apareceu a Makhnovitchina na arena da luta social.

A Makhnovitchina nasceu numa época tempestuosa da Ucrânia, no verão de 1918, em que toda a massa camponesa refervia em revolta. Desde os primeiros dias da sua existência e até os seus últimos momentos, não teve, um só dia, um ambiente pacífico. O seu desenvolvimento, a sua evolução, seguiram, por isso, uma via especial, dupla: a da infiltração das suas ideias fundamentais nas grandes massas do povo e a do desenvolvimento e consolidação das suas forças militares. A partir do dia em que todos os destacamentos de insurgidos revolucionários se reuniram num só exército, este último fundou-se num exército revolucionário único das massas em revolta. O estado de guerra em que se encontrava a Ucrânia foi o fato que determinou as melhores forças organizadoras do movimento a entrar no exército. Por força das circunstâncias, este último tornou-se, ao mesmo tempo, a autodefesa armada dos camponeses e o guia de todo o seu movimento, a sua guarda-avançada revolucionária. Organizou e conduziu ativamente a ofensiva contra a reação dos agrários; estabeleceu o plano de luta; era ainda o exército quem propagava a ideologia própria do momento. Contudo, nunca foi uma força soberana, dominadora, bastando por si própria. As suas ideias revolucionárias eram sempre inspiradas nas grandes massas e defendiam sempre a causa destas. As massas camponesas, pelo seu lado, consideravam esse exército como órgão principal, que os guiava em todas as ocasiões da sua vida de lutas.

Por um lado, a atitude da Makhnovitchina em face do poder do Estado, dos partidos políticos e dos grupos improdutivos, tornava-se a atitude dos camponeses. Por outro lado, os interesses dos camponeses pobres e dos operários, os seus sofrimentos e os seus pensamentos, tornavam-se os interesses, os sofrimentos e os pensamentos da Makhnovitchina. Foi assim, por uma influência e uma ação mútuas, que o movimento makhnovista evoluiu e se tornou rapidamente um fenômeno social importantíssimo da vida russa. (ARSHINOV, 2005, pp. 87-89)

É no desenrolar do processo portanto que o movimento insurrecional vai assumindo um programa concreto de revolução social, a partir do trabalho e inserção dos camponeses anarquistas e libertários, assim como uma organização federalista de base enraizada e difusa, seus objetivos são a construção de uma nova sociedade livre e regulada pelo princípio do comunismo anarquista *de cada um segundo suas possibilidades, à cada*

um segundo suas necessidades. Fato que irá também se consolidar no plano simbólico com a adoção de bandeiras negras, já utilizadas e identificadas com o anarquismo, e que em muitos casos exibirão slogans do movimento representando seu programa de transformação da sociedade como “o poder gera parasitas, viva a anarquia!” “todo o poder aos soviets imediatamente!” “Com os oprimidos e contra os opressores, sempre!” e “a



emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”, ou então indicando algum órgão da vasta estrutura organizacional do movimento, assim como as bandeiras que indicassem os diversos destacamentos do exército insurrecional:

Figura 2: Bandeira do "2º Regimento de Infantaria Combinada Makhnovista". No verso está a inscrição: "Morte aos opressores dos trabalhadores". O exemplar encontra-se no Museu Nacional de História da Ucrânia. Retirada de <http://www.vexillographia.ru/ukraine/civilwar.htm>

Em suas memórias, Viktor Belash descreve Gulyai-Polye como era então. O prédio que abrigava o quartel-general do exército insurgente era coroado por enormes faixas pretas com os slogans "Guerra aos palácios, paz nas casas", "Do lado dos oprimidos contra os opressores, sempre!" e "A emancipação dos trabalhadores é assunto dos próprios trabalhadores!" No edifício adjacente, nas instalações do soviets distrital dos deputados camponeses, deputados operários e deputados militares, eram hasteadas duas bandeiras com as inscrições: "O poder gera parasitas. Viva a anarquia!" e "Todo o poder aos soviets agora mesmo!" (SKIRDA, 2004; p.86)

[...] Em uma das principais ruas uma bandeira negra tremulava ao vento. Nela, podia-se ler: 'Estado-Maior do Exército Insurgente Makhnovista da Ucrânia'. (SKIRDA, 2004; p. 234)

Um outro documento que fornece uma importante indicação simbólica da Makhnovitchina é o panfleto de Março de 1920 de autoria da secção de propaganda do estado-maior do exército revolucionário insurrecional makhnovista:

O movimento makhnovista perdeu quase trezentos mil homens entre os melhores filhos do povo, em nome da vitória final dos trabalhadores; rejeitou a união com os estatistas e, combatendo nas terríveis condições da guerra civil, assediado por todos os lados, carregou e continua a carregar orgulhosamente a bandeira negra onde figura a sua divisa: “Com os oprimidos e contra os opressores – Sempre!”

(...) Como o anarquismo e a Makhnovitchina estão estreitamente ligados entre si, é natural que a um e outro se apresentem caminhos semelhantes, conduzindo rumo à liberdade, à igualdade e à fraternidade. É importante que, em relação a isso, o movimento makhnovista tenha feito a sua escolha, com precisão, entre todas as doutrinas sociais, e que tenha feito sua, ousada e abertamente, a palavra de ordem: “Por uma sociedade e um trabalho livres!”

A Makhnovitchina portanto demonstra ter sido um grande movimento libertário e que a partir da revolução social buscou construir uma sociedade baseada na livre associação entre indivíduos e coletividades, repartindo a riqueza e dissolvendo o poder estatal a partir do poder popular, autogestionário e federalista, ou seja, profundamente influenciada pelas ideias anarquistas. Apesar do contexto de violência e conflito entendia a tarefa dos combatentes como de garantir a realização revolucionária e defendendo-a assim como a vida dos camponeses de seus inimigos, mantendo um espírito propositivo e renovador da sociedade e do ser humano, aplicando os ensinamentos de Bakunin e Kropotkin, que também sempre colocaram-se no campo da valorização da vida, da liberdade e do apoio mútuo; como evidenciado na declaração do já citado panfleto: “O movimento makhnovista apoia-se conscientemente sobre os princípios anarquistas, quer dizer, sobre o direito à autogestão total da vida social e sobre os fundamentos da Anarquia; apresenta-se como uma realização perfeita das ideias libertárias.”

Isso tudo evidencia então a possível contradição de que tal movimento acabasse assumindo para si um símbolo de morte (a caveira) e um slogan típico de seus inimigos como o que será usado pelo ‘terror vermelho’, inimigos não apenas no campo de batalha como entre as potências envolvidas na Primeira Guerra Mundial, mas também no campo das ideias. Analisemos então mais de perto o estandarte que é mundialmente reconhecido como o símbolo da Makhnovitchina.

O estandarte em questão

O estandarte de aproximadamente 1m\1,5m de altura aparece em uma foto sendo exibido por dois homens em posição ereta que pelo uniforme podemos deduzir serem algum tipo de soldados ou oficiais de um exército. A palavra ‘morte’ aparece sobre uma caveira com dois ossos cruzados e abaixo a frase escrita em três linhas cuja tradução é do tipo ‘à todos aqueles que se interpõe no caminho da liberdade da classe trabalhadora’. A escrita em língua ucraniana está em alfabeto cirílico e assim como a caveira e os ossos é de cor branca enquanto o fundo do estandarte é de cor preta.



Figura 3: Estandarte atribuído à makhnovitchina "Morte à todos que se interpõe no caminho da liberdade da classe trabalhadora". Retirada de <http://www.vexillographia.ru/ukraine/civilwar.htm>

Esta foto aparece pela primeira vez com a legenda de ‘makhnovistas em ação’ no livro publicado em Moscou em 1926 por Z. Ostrovsky intitulado ‘Pogroms judeus 1918-1921’ (*‘Evrejskie pogromy 1918–1921’*). Apesar do livro relatar fatos reais como os

terríveis pogroms organizados pelos exércitos brancos com fotos macabras, ao mesmo tempo que Ostrovsky omite os pogroms realizados por destacamentos do exército vermelho, ele atribui esta prática de linchamento e massacre da população judaica aos makhnovistas. Tal atribuição faz parte da já mencionada campanha de difamação bolchevique contra a figura de Makhno e do movimento makhnovista, e que recebeu no ano seguinte a resposta do próprio Nestor em um artigo publicado no periódico Dielo Truda editado em Paris aonde ele afirma que a bandeira negra exibindo uma cabeça de morte é uma foto que não tem nenhuma conexão com pogroms e especialmente não mostra makhnovistas de nenhuma forma:

Há pouco tempo, uma dessas sociedades, que aliás tem sua sede no reino dos bolcheviques, publicou um livro, ilustrado com fotos, sobre as atrocidades cometidas contra a população judia na Ucrânia e na Bielo-Rússia, na base de materiais acumulados pelo 'camarada' Ostrovsky, o que patentemente significa: de proveniência bolchevique. Neste documento "histórico", não há nenhuma menção aos pogroms antijudaicos realizados pela muito alardeada Primeira Cavalaria do Exército Vermelho, quando passou pela Ucrânia a caminho do Cáucaso em maio de 1920. Em contraste, o mesmo documento menciona uma série de pogroms e, ao lado, imprime as fotos de insurgentes makhnovistas, embora não esteja claro o que eles estão fazendo lá, por um lado, os quais, na verdade, nem mesmo são makhnovistas, como testemunha a fotografia que pretende mostrar 'Makhnovistas em ação' por trás de uma bandeira negra exibindo uma cabeça de morte: esta é uma foto que não tem nenhuma conexão com pogroms e, de fato, e especialmente, não mostra makhnovistas de forma alguma. (MAKHNO, 1927)

Arshinov em seu livro irá dedicar um capítulo inteiro à relação entre a Makhnovitchina e a questão hebraica, apresentando como o movimento buscou proteger as comunidades judaicas executando qualquer pessoa que buscasse promover algum tipo de violência antissemita, e de como a população hebraica chegou a compor o movimento makhnovista em grande número, com importantes líderes sendo judeus. Tais afirmações detalhadas são ulteriormente comprovadas pelas pesquisas históricas como a de Skirda assim como pelas pesquisas mais amplas sobre os judeus no movimento libertário como a de Izzine.

A existência de uma segunda foto contribui para desvincular o estandarte da Makhnovitchina, confirmando a afirmação de N. Makhno. Nela vemos os mesmos 'soldados' em posição invertida no que parece ser o mesmo local, carregando um

estandarte de dimensões praticamente idênticas com o mesmo acabamento inferior, no que parece ser de fato a parte de trás do estandarte já citado da caveira com os dizeres de morte. A escrita apresentada diz “Dnieper Kish”, sendo o Dnieper um dos grandes rios da Ucrânia Oriental e a palavra *kish*³ refere-se a ‘acampamento cossaco’ ou ‘batalhão’, termo utilizado pelo exército da República Nacionalista da Ucrânia para nomear suas unidades, identificando-se com os ‘Cossacos de Zaporozhia’ durante os séculos XVI-XVII (YEKELCHYK, 2019; GILLEY, 2017).⁴

Por mais que não haja conexões entre o estandarte e a Makhnovitchina, o contexto de sua publicação em 1926 e a evidência do termo *kish* assim como a referência à região do rio Dnieper, permite que se afirme como um destacamento que de fato lutou na Ucrânia no conflito de 1918-1921. E embora sua conexão mais provável seja com o movimento de Petliura, é curioso o uso da cor preta junto com um eslogan que ao falar de ‘liberdade da classe trabalhadora’ evidentemente refere-se a algum tipo de processo revolucionário. Uma possível hipótese é relacionar o estandarte com o movimento liderado pelo ‘ataman’ Grigoriev.



³ Definições de *kish* e *kleinody* no Manual de História da Ucrânia disponível em: http://history.franko.lviv.ua/Ilk_3.htm.

⁴ Foi um processo de autonomia e independência do território ucraniano, que entrou em conflito com os poloneses-lituanos, o Kahn da Criméia e o Czar de Moscou, constituindo portanto um dos episódios da ‘história nacional’

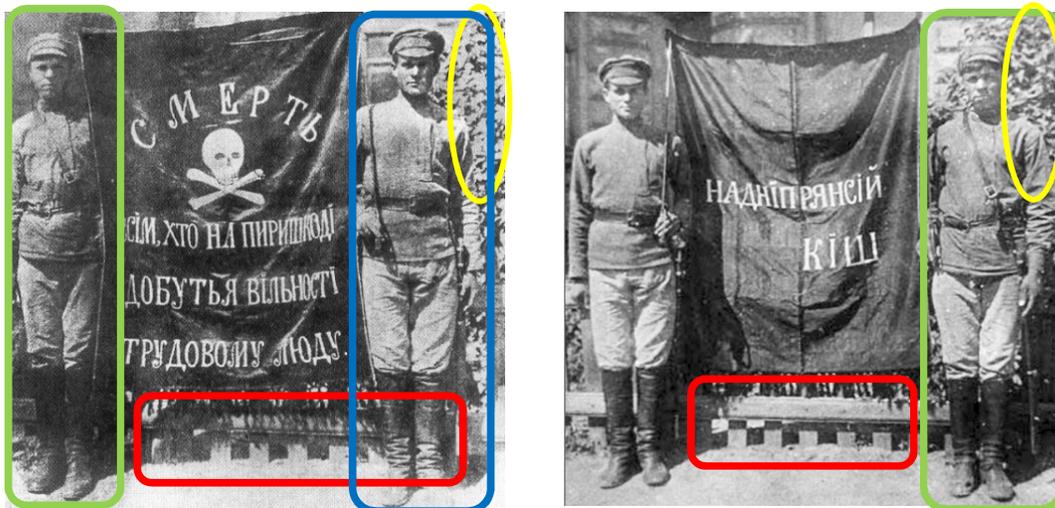


Figura 5: Comparação entre as duas fotos evidenciando as similaridades salientes para estabelecer que muito provavelmente pertencem ao mesmo estandarte.

Veterano da Primeira Guerra Mundial, Grigoriev em 1917 apoiou o governo da Rada Central, mas em abril de 1918 participou do golpe do ‘hetman’ Skoropadsky para depois insurgir contra ele e unir-se ao movimento liderado pelo Diretório de Petliura. Em 1919 Grigoriev trai Petliura passando do lado do bloco Bolchevique e dos Socialistas Revolucionários de Esquerda, e realizando uma enorme série de pogroms. Por fim Grigoriev abandona Moscou e constrói um levante anti-bolchevique – a partir da indignação dos camponeses ucranianos com as imposições e expropriações do ‘comunismo de guerra’⁵– estabelecendo uma ampla guerrilha contra o Exército Vermelho, ao mesmo tempo que conduzia pogroms ferozes. *Uma mancha sombria na face da revolução ucraniana* como foi descrito por Arshinov, e que teve seu fim em julho de 1919 durante o *IV Congresso Extraordinário dos Trabalhadores, Camponeses e Insurgentes* aonde Grigoriev e outras lideranças foram executados pelos makhnovistas devido ao seu caráter contrarrevolucionário na organização de pogroms e por estarem propondo aliar-se ao general ‘branco’ Denikin, enquanto o restante do movimento incorporou-se à Makhnovitchina (ARSHINOV, 2005, pp.115-123 138-141).

Por mais que a figura de Grigoriev seja a de um aventureiro, o movimento que ele liderava possuía diversos lutadores que acreditavam firmemente no processo revolucionário como reconhecido pelos makhnovistas, e tendo em conta que Grigoriev

⁵ Prática de requisição forçada de víveres aos camponeses que deviam alimentar o exército vermelho mesmo que isto significasse a fome de suas famílias.

chegou a participar do movimento de Petliura isso daria a possibilidade de uma explicação para tal estandarte, embora não haja nenhuma prova substancial para podermos afirmar esta ligação.

O conflito na Ucrânia caracterizado pela mobilidade e incerta definição das frentes de batalha, permitiu inclusive que unidades makhnovistas isoladas acabassem em certos momentos acreditando na falsa propaganda e unindo-se aos exércitos brancos durante os períodos de conflito com os bolcheviques, confusão que também pode ter jogado um papel em colocar revolucionários ligados a exércitos que não o eram:

A propaganda branca sobre o apoio camponês e sua alegada aliança com Makhno foi continuamente adotada pela imprensa bolchevique. Esse fogo cruzado de deturpações acabou levando à crença de que era realmente esse o caso: alguns caíram na armadilha, incluindo alguns destacamentos insurgentes isolados na região sob ocupação por Wrangel. Alguns deles de fato se juntaram ao Exército Branco e formaram uma divisão com o nome Batko Makhno, curiosamente hasteando uma bandeira negra com a consigna Makhnovista: "Com os oprimidos, sempre contra os opressores!" - ao lado da de Wrangel "Por uma Rússia única e indivisível!". (SKIRDA, 2004; p.194)

O estandarte makhnovista é um caso curioso em que apesar da atribuição feita ser falsa, a fotografia demonstra ser original, fato que se distingue dos mais comuns falsos históricos, produzidos em tempos modernos que buscam passar-se por objetos antigos. Não obstante o resultado obtido é muito similar, o que era falso tornou-se quase uma verdade adquirida por um conjunto de pessoas que atribuem com segurança a veracidade do fato, do documento. Falsidade que como podemos ver possui uma própria história, um contexto e motivações específicas, tornando-se assim documento histórico em si da propaganda difamatória produzida pelo bolchevismo contra o anarquismo.

O símbolo da caveira nos conflitos europeus na primeira metade do século XX

Conhecida mundialmente pela 'Jolly Roger' e demais variações de bandeiras em uso pelos piratas do Atlântico durante os séculos XV – XVII, a caveira com dois ossos cruzados (ou espadas) em um fundo preto foi um símbolo recorrente durante as guerras e conflitos europeus do século XIX, tornando-se uma insígnia comum nos destacamentos

de cavalaria como os ‘hussardos’⁶, símbolo de combate ao sabre e à cavalo.⁷ Em um período de crescente poder das armas de fogo parece quase natural que os combatentes de cavalaria lançados ao galope contra mosquetes e canhões ou em ferozes lutas corpo a corpo sem armaduras, adotassem uma simbologia destemida e mortífera.

A Primeira Guerra Mundial por mais que consolide o declínio da cavalaria de combate eleva a brutalidade mortal da guerra, fazendo com que o símbolo da caveira signifique coragem, ousadia e desprezo pela morte (principalmente a mensagem passada é a de ‘levar a morte ao inimigo’, mas não podemos excluir que haja um certo desprezo também pelo próprio destino, como parte da exaltação do combate), como em corpos de voluntários como será o caso do batalhão de choque russo de Kornilov e no fenômeno italiano do ‘*arditismo*’ (ousadia).

Este último fornecerá o impulso para a formação no início dos anos 20 da agrupação *Arditi del Popolo* (‘ousados do povo’), que reunindo militantes anarquistas e socialistas pautará o enfrentamento armado e direto como método de autodefesa das classes operária e camponesa frente aos ataques dos ‘camisas negras’, a milícia do crescente movimento fascista. Um de seus primeiros símbolos será o de uma caveira com uma coroa de louros e um punhal entre os dentes com o grito de guerra ‘a nós’ (*a noi!*)⁸ (STAUD, 2010; pp. 46-47).

Uma foto do mesmo período da Makhnovtichina nos mostra um grupo de marinheiros portando uma bandeira com uma caveira e os dizeres ‘*morte à burguesia*’ e abaixo uma foice e uma espécie de lança cruzados, embora não seja claro se a foto pertence ao Motim da Frota do Báltico de 1917 ou ao Levante de Kronstadt⁹ em 1921, mas é claro o seu pertencimento ao grupo de marinheiros provenientes de âmbito militar e politicamente misto entre anarquistas e socialistas envolvidos no processo da Revolução Russa.

⁶ A seção ‘Totenkopf’ da enciclopédia digital Wikipédia possui um excelente compilado de informações devidamente citadas. Na falta de um estudo compreensivo, escolhi citar o site como fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Totenkopf#>

⁷ Tipo de combate inclusive muito comum durante a guerra de 1918-1921 na Ucrânia, e há uma nota muito interessante de Arshinov a respeito: A Cavalaria de Denikin merecia os mais rasgados elogios. Como Makhno o verificava, era verdadeiramente uma Cavalaria que justificava o seu nome. A muito numerosa do Exército Vermelho, formada mais tarde, não tinha de Cavalaria senão o nome. Era incapaz de lutar corpo a corpo (...). Os chefes do Exército de Denikin mencionavam frequentemente, nos seus papéis, caídos nas mãos dos makhnovistas, que nada, em toda a sua campanha, era mais duro e mais terrível para eles do que essas batalhas encarniçadas dadas pela Cavalaria e a Artilharia de Makhno (ARSHINOV, 2005, p. 142)

⁸ A coroa de louros desde a antiguidade clássica é símbolo de vitória e triunfo, enquanto o punhal refere-se aos ferozes combates corpo a corpo das trincheiras, decididos pela bravura e pela força, enquanto o grito indica a reunião dos combatentes ao iniciar de um ataque.

⁹ Para mais informações sobre este episódio ver METT, 2017



Figura 6. Bandeira dos marinheiros do Petropavlovsk. Tradução 'Morte à burguesia'. Retirada de https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_de_Kronstadt



Figura 7. Símbolo dos Arditi del Popolo. Retirado de STAID, 2010, p. 68

Durante a Guerra Civil Espanhola (1936 -1939) será constituído em Barcelona o controverso Batalhão da Morte (*batallón de la muerte*) composto por republicanos, anarquistas e italianos internacionalistas, que possuirá um uniforme muito similar aos Arditi, assim como portará os símbolos do punhal e da caveira.¹⁰



Figura 8.

Milicianos/as do Batallón de la Muerte durante desfile em Barcelona, a caveira aparece na bandeira e nos bascos. retirada de <http://www.estelnegre.org/documents/batallodelamort/batallodelamort.html>

¹⁰ OLIVER, 1978 traz notícias sobre a formação do batalhão, assim como um informe da 28ª Divisão, 153ª Brigada Mixta do exército republicano consultada no IISH. O trabalho do Ateneu Libertari Estel Negre apresenta um excelente compilado de notícias e fotos: <http://www.estelnegre.org/documents/batallodelamort/batallodelamort.html>

Por fim nos anos 40 a caveira será um símbolo frequente de divisões de choque, encouraçadas e aéreas do exército nazista, especialmente nas SS (as tropas de assalto), em continuidade com o símbolo utilizado pela cavalaria prussiana, a caveira chamada de ‘*totenkopf*’, literalmente ‘cabeça do morto’ (WOOD, 2013).

Conclusões

A Makhnovitchina foi um processo revolucionário libertário e que se inscreve dentro da história mais ampla e global do anarquismo em um esforço global para derrubar o capitalismo, o Estado e a burguesia através de uma ação que sim é reconhecida como violenta e implacável, mas que possui seu limite na fórmula ‘*os fins estão nos meios*’, ou seja, os e as anarquistas são conscientes de que a violência sendo um mal necessário possui um limite colocado pelos objetivos de paz, abundância, cooperação e valorização da vida humana, contidos na ideologia anarquista, verdadeira ‘fé no potencial da humanidade’, tornando então necessário buscar ‘eliminar os excessos de violência’ no desenrolar da luta revolucionária. Apesar das intenções destrutivas para a sociedade, em verdade o anarquismo coloca-se de maneira criativa na busca pela reconstrução das relações e estruturas sociais (WALT e SCHMIDT, 2009, pp. 44-72).

Ao longo de sua história, o anarquismo irá dedicar-se a um sem número de conflitos e embates que assumirão em seus momentos de maior força o caráter de luta armada, promovendo a violência sim, mas como autodefesa e não a ‘violência revolucionária’ esforçando-se ao máximo para limitar as execuções, evitando os ‘tribunais de sangue’ dos jacobinos e de seus imitadores do ‘terror vermelho’ das ditaduras em nome do socialismo (OLIVER, 1978, pp. 344-350; WALT e SCHMIDT, 2009, pp. 54-56, 69-71). O combate, a luta até a morte e até mesmo a eliminação dos inimigos, são exaltados em canções e textos anarquistas, mas em virtude do empenho e sacrifício para que se dê espaço a uma nova sociedade, e não como mera exaltação da carnificina ou aniquilação do inimigo como prova de superioridade moral.

Tais fatores embora sejam de ordem subjetiva, corroboram as evidências concretas de que o estandarte com a caveira e o slogan ‘morte à todos aqueles que se interpõe à liberdade da classe trabalhadora’ não possui relação com a Makhnovitchina, e que na verdade ela possuiu uma diversa série de slogans escritos sobre bandeiras negras, cujo um dos que parece ser mais significativo é o de “Contra os opressores e do lado dos

oprimidos, sempre!” além dos mais programáticos reivindicando a terra aos camponeses, as fábricas aos operários, o poder aos soviets e contra o parasitismo e o autoritarismo.

A atribuição de tal estandarte origina-se na calúnia e campanha difamatória por parte de seus inimigos contrarrevolucionários, sem que sejam apresentadas provas definitivas para estabelecer o pertencimento de tal simbologia a um destacamento makhnovista e muito menos ao movimento em geral. A divulgação de tal foto e slogan com a caveira no meio anarquista provavelmente ocorreu no pós-guerra de 1945, quando os e as anarquistas buscaram reconstruir e divulgar sua história ao mesmo tempo que tornavam-se uma minoria dos movimentos de esquerda hegemonzados pela dicotomia da Guerra Fria. E nessa busca - a despeito das tentativas marxistas, liberais e fascistas de apagar qualquer experiência de luta e presença expressiva do anarquismo em meio à classe trabalhadora e episódios revolucionários - tal foto deve ter sido encontrada sem que estivesse sendo atribuída diretamente a pogroms e sem que se soubesse da negação de Makhno sobre a atribuição do estandarte à Makhnovitchina.

Ao escrever este artigo procurei antigos militantes do anarquismo para perguntar sobre a difusão desta foto. Assim pude constatar que a foto já circulava no Rio de Janeiro por volta de 1987-88, onde o icônico militante Ideal Peres possuía um exemplar, e que foi posteriormente divulgada em publicações do movimento anarquista brasileiro nos anos seguintes. Enquanto na Europa tal divulgação ocorreu ao final dos anos 70, também com a circulação de novas publicações sobre a história do anarquismo.

A tradução divulgada entusiasmou diversas pessoas pelos seus fortes dizeres, em uma geração que não tendo de fato vivido uma guerra revolucionária e os desafios colocados por esta mas sentindo a raiva pela exploração sofrida no presente assim como a necessidade de opor-se a seus inimigos identificou em tal estandarte um válido símbolo que dialogasse com suas aspirações de conflito.

A internet então aumentou exponencialmente tal difusão, fazendo com que a atribuição da foto à Makhnovitchina ganhasse peso e se transformasse assim em uma verdade assumida coletivamente, recebendo diversas estilizações e adaptações, sendo inclusive reproduzida em estudos sérios sobre a Revolução Russa. De certa forma pode ter tido um papel neste processo a própria difusão da ‘Jolly Roger’ na cultura pop moderna, aonde os piratas caribenhos do período colonial são (erroneamente) associados a uma espécie de lutadores que viviam por supostos “princípios libertários”, dado sua existência marginal aos Estados e Impérios. Um estudo sobre a simbologia da caveira na sociedade moderna porém poderia demonstrar ainda mais sua consolidação em

movimentos de extrema-direita ou destacamentos militares de choque e assalto, como é o caso do BOPE no Rio de Janeiro. O que não quer dizer que este seja seu caráter unívoco, no México por exemplo a caveira é amplamente utilizada na simbologia do culto dos mortos de grande relevância social, produto do sincretismo religioso, refletido também no episódio da Revolução Mexicana (1910-17) em que as forças de Emiliano Zapata exibiam como bandeira a Virgem de Guadalupe com abaixo dois ossos cruzados em fundo vermelho; ou então seu amplo uso em outros âmbitos culturais-musicais como punk, gótico e metal.

O testemunho dos protagonistas da Makhnovitchina confirmam que o anarquismo tanto na teoria quanto na prática é uma ideologia de luta coletiva por uma vida digna, e não tem motivos para exaltar aspectos necessários e relevantes que porém não passam de um momento, e cujos excessos buscam ser contidos, em seu programa por uma nova sociedade contraposta ao ‘projeto de morte das classes dominantes’, e que tanto no passado como no presente seu material simbólico busca representar e de certa forma orientar a criação das novas relações e estruturas sociais propositivas e benéficas, como declarado pelo estado-maior makhnovista no panfleto de março de 1920:

Digamos algumas palavras sobre o anarquismo: não é uma mística, nem uma utopia, nem tagarelices sobre a harmonia, nem um grito de desespero. Não, o anarquismo vale antes de mais nada por sua dedicação à humanidade oprimida. (...) Como o anarquismo e a makhnovitchina estão estreitamente ligados entre si, é natural que a um e a outro se apresentem caminhos semelhantes, conduzindo rumo à liberdade, à igualdade e à fraternidade.

O caso do estandarte makhnovista é portanto um falso histórico gerado pela propaganda bolchevique interessada em difamar o movimento libertário, e que transformou-se em mal-entendido por parte do movimento anarquista em sua busca por divulgar sua própria história e simbologia. A arqueologia com sua atenção ao estudo da cultura material como testemunho histórico possibilita o avanço do conhecimento sobre o passado mesmo em tempos contemporâneos e industriais, dando voz àqueles e àquelas que foram esquecidos/as pela ‘história oficial’.

O movimento popular e revolucionário da Makhnovitchina, de caráter profundamente dinâmico, possuiu como simbologia uma variedade de slogans bordados

ou pintados sobre bandeiras negras, porém, se quisermos reunir e exemplificar seu caráter camponês libertário e insurrecional, podemos afirmar e destacar como símbolo da Makhnovitchina a bandeira negra com a consigna “Com os oprimidos e contra os opressores – Sempre!”. E que possa servir de inspiração para o movimento anarquista, as lutas camponesas e a toda classe trabalhadora do presente em sua caminhada rumo a um mundo livre e igualitário.



Figura 9. bandeira makhnovista em ucraniano e português, reproduzida pelo autor.

Lista de figuras

Figura 1: Mapa da região de atuação da Makhnovitchina. Retirado de ARSHINOV, 2005, pp. 170-171 6

Figura 2: Bandeira do "2º Regimento de Infantaria Combinada Makhnovista". No verso está a inscrição: "Morte aos opressores dos trabalhadores". O exemplar encontra-se no Museu Nacional de História da Ucrânia. Retirada de <http://www.vexillographia.ru/ukraine/civilwar.htm> 8

Figura 3: standarte atribuído à makhnovitchina "Morte à todos que se interpõe no caminho da liberdade da classe trabalhadora". Retirada de <http://www.vexillographia.ru/ukraine/civilwar.htm> 10

Figura 4: Provável verso do estandarte atribuído, reparar o ambiente de fundo e os soldados em posição invertida que são os mesmos, assim como as dimensões e o acabamento inferior do estandarte. Tradução: Kish do Dnieper. Retirada de <http://www.vexillographia.ru/ukraine/civilwar.htm> 12

Figura 5: Comparação entre as duas fotos evidenciando as similaridades salientes para estabelecer que muito provavelmente pertencem ao mesmo estandarte. 13

Figura 6: Bandeira dos marinheiros do Petropavlovsk. Tradução 'Morte à burguesia'. Retirada de https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_de_Kronstadt 15

Figura 7: Símbolo dos Arditi del Popolo. Retirado de STAID, 2010, p. 68 15

Figura 8: Milicianos\as do Batallón de la Muerte durante desfile em Barcelona, a caveira aparece na bandeira e nos bascos. retirada de <http://www.estelnegre.org/documents/batallodelamort/batallodelamort.html> 16

Figura 9: bandeira makhnovista em ucraniano e português, reproduzida pelo autor. 19

Fontes

Arquivo Nestor Makhno

<https://www.nestormakhno.info/>

<https://ithanarquista.wordpress.com/nestor-makhno-archive>

Manual de História da Ucrânia (versão online)

http://history.franko.lviv.ua/Ilk_3.htm

Centro Russo de Vexilografia

www.vexillographia.ru

Instituto Internacional de História Social (IISH)

<https://search.iisg.amsterdam/Record/ARCH00293>

Bibliografia

ARSHINOV, Piotr **History of the Makhnovist Movement (1918-1921)**; London, Freedom Press

CORRÊA, Felipe “A prática revolucionária da Makhnovitchina (1918-1921)”; publicado no ITHA, disponível em <https://ithanarquista.wordpress.com/2015/01/09/felipe-correa-a-pratica-revolucionaria-da-makhnovitchina-1918-1921/>, 2015

GILLEY, Christopher “Fighters for Ukrainian independence? Imposture and identity among Ukrainian warlords, 1917–22” in **Historical Research**, vol. 90, no. 247 de Fevereiro de 2017

IZRINE, Jean Marc **I libertari Yddish: panorama di un movimento dimenticato**; Fano, Centro di Documentazione Franco Salomone, 2016

MAKHNO, Nestor Ivanovich “To the jews of all countries” in **Delo Truda N°23-24**, Abril-Maio 1927, pp. 8-10, disponível online em <https://www.nestormakhno.info/english/jewishcitizens.htm>.

_____. **The Russian Revolution in Ukraine (March 1917 – April 1918)**; Edmonton, Black Cat Press 2007.

_____. **Under the Blows of the Counterrevolution (April – June 1918)**; Edmonton, Black Cat Press 2009.

_____. **The Ukrainian Revolution (July – December 1918)**; Edmonton, Black Cat Press 2011.

METT, Ida **La comuna de Cronstadt**, 2017 disponível em <https://ithanarquista.files.wordpress.com/2017/05/ok-ida-mett-la-comuna-de-cronstadt.pdf>

OLIVER, Juan Garcia **El Eco de los Pasos Paris**, Ruedo Ibérico, 1978.

RENFREW, Colin **Preistoria: L’alba della mente humana**; Torino, Einaudi, 2011

STAID, Andrea **Gli Arditi del Popolo: la prima lotta armata contro il fascismo 1921-1922**; Ragusa, La Fiaccola, 2010

SKIRDA, Alexandre **Nestor Makhno - Anarchy's Cossack The Struggle for Free Soviets in the Ukraine 1917-1921**; Oakland, AK Press, 2004

WALT, Lucien van der e SCHMIDT, Michael **Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism**; Oakland, AK Press, 2009

WOOD, Ian Michael **Tigers of the Death’s Head: SS Totenkopf division’s tiger company**; Mechanisburg, Stackpole Books, 2013

YEKELCHYK, Serhy “The Ukrainian Meanings of 1918 and 1919” in **Harvard Ukrainian Studies 36, no. 1–2** (2019), pp. 73–85

Publicado originalmente em 22/10/2020 no site do Instituto de Teoria e História Anarquista.

